

*“O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante.”*

Blaise Pascal (1623-1662) – filósofo, físico, matemático, teólogo e escritor francês.

*“[...] O que é conhecimento? [...] Para um filósofo, por exemplo, conhecimento é qualquer instância de um organismo que estabeleça uma relação com o mundo.”*

Burke, Peter. O que é história do conhecimento? Tradução Claudia Freire. – 1ª ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 18. (adaptado)

*“A maravilha sempre foi, antes como agora, a causa pela qual os homens começaram a filosofar: a princípio, surpreendiam-se com as dificuldades mais comuns; depois avançando passo a passo, tentavam explicar fenômenos maiores, como, por exemplo, as fases da lua, o curso do sol e dos astros e, finalmente, a formação do universo. Procurar uma explicação e admirar-se é reconhecer-se ignorante. Por isso, pode-se dizer que sob um certo aspecto o filósofo é também amante do mito, uma vez que o mito se compõe de maravilhas.”*

ARISTÓTELES. In: REALE, Giovanni (Ed.). Metafísica. São Paulo: Loyola, 2002. v. I.

### A filosofia e seu objeto

No texto abaixo, Caio Prado Júnior identifica a multiplicidade de conceitos de filosofia existentes. Na verdade, é como se cada filósofo tivesse seu próprio conceito. Mas essa aparente imprecisão não representa problema. Caio Prado aponta para a necessidade extremamente útil de se definir o objeto da especulação filosófica. Sabe-se que tal questão é controversa, mas Caio Prado se posiciona pela existência de tal objeto, que daria a especificidade da reflexão filosófica.

#### O que é filosofia?

“Não precisamos buscar na infinidade de conceitos de ‘Filosofia’ - talvez um para cada autor de certa expressão, e que à vagueza das formulações acrescentam às vezes até posições contraditórias -; não precisamos procurar aí a incerteza e imprecisão que reinam e, sobretudo, em nossos dias, no que concerne o objeto da especulação filosófica. Muito ilustrativa é a consulta aos textos filosóficos ou qualquer exposição ou análise do desenvolvimento histórico do assunto. De tudo se trata, pode-se dizer, ou se tem tratado na ‘Filosofia’, e até os mesmos assuntos, ou aparentemente os mesmos, são considerados em perspectivas de tal modo apartadas uma das outras que não se combinam e entrosam entre si, tornando-se impossível contrastá-las. Para alguns, essa situação é não apenas normal, mas plenamente justificável. A filosofia seria isso mesmo: uma especulação infinita e desagregada em torno de qualquer assunto ou questão, ao sabor de cada autor, de suas preferências e mesmo de seus humores. Há mesmo quem afirme não caber à Filosofia ‘resolver’, e sim unicamente sugerir questões e propor problemas, fazer perguntas cujas respostas não têm maior interesse, e com o fim unicamente de estimular a reflexão, aguçar a curiosidade. E já se afirmou até que a Filosofia não passava de uma ‘ginástica’ do pensamento, entendendo por isso o simples exercício e adestramento de uma função - no caso, o pensamento em vez dos músculos - sem outra finalidade que essa.

Apesar, contudo, de boa parte da especulação filosófica, particularmente em nossos dias, parecer confirmar tal ponto de vista, ele certamente não é verdadeiro. Há sem dúvida um terreno comum onde a Filosofia, ou aquilo que se tem entendido como tal, se confunde com a literatura (no bom sentido, entenda-se bem) e não objetiva realmente conclusão alguma, destinando-se tão somente, como toda literatura, a par do entretenimento que proporciona, levar aos leitores ou ouvintes, a partir destes centros condensadores da consciência coletiva que são os profissionais do pensamento, levar-lhes impressões e estados de espírito, emoções e estímulos, dúvidas e indagações. Mas esse terreno que a Filosofia, ou pelo menos aquilo que se tem entendido por ‘Filosofia’, compartilha com a literatura, não é toda Filosofia, nem mesmo, de certo modo, a sua mais importante e principal parte. E nem menos, a meu ver, com todo interesse que possa representar, constitui propriamente ‘Filosofia’, e deveria antes se confundir, na classificação, e às vezes até mesmo na designação, com a mesma literatura com que já apresenta tantas afinidades.

Mas conserve embora a Filosofia literária sua qualificação e status, é necessário que a par dela e com ela se desenvolva também uma Filosofia de outro teor que dê resposta, e na medida do possível, precisa, às questões que efetivamente nela se propõem. A filosofia pode a rigor ser tratada literariamente, como pode sê-lo a Ciência e o conhecimento em geral. Mas que isso seja forma, e não fundo. Esse fundo é outra coisa que, apesar de tudo, se percebe em todo verdadeiro filósofo, por mais que se disfarce num pensamento confuso, disperso, sem objetivo desde logo aparente e seguro. Que se percebe sobretudo na Filosofia em conjunto como maneira específica de tratar dos assuntos de que se ocupa, por mais variados e díspares que sejam. Com toda sua heterogeneidade, confusão e hermetismo de tantos de seus textos vazados em linguagem acessível unicamente a iniciados - ou antes, por eles julgados acessíveis, mais do que acessíveis de fato - com tudo isso, a Filosofia encontra ressonância tal que, se não fosse outro o motivo, já por si bastaria para comprovar que nela se abrigam questões que dizem muito de perto com interesses e aspirações humanas que devem, por isso, ser atendidos, e não frustrados pela ausência ou desconhecimento de objetivo e rumo seguros da parte daqueles que se ocupam do assunto.

Mas onde encontrar esse ‘objeto’ último e profundo da especulação filosófica para o qual converge e onde se concentra a variegada problemática de que a Filosofia vem através dos séculos e em todos os lugares se ocupando; e de que trata? É muito importante determiná-lo, porque isso pouparia esforços que tão frequentemente se perdem em indagações inúteis ou mal propostas; e que, concentrados na direção de um alvo legítimo e claramente definido, reuniriam um máximo de probabilidades de atingirem esse alvo, ou pelo menos de o aproximarem. Existirá contudo esse objeto central e legítimo de toda a especulação filosófica, um denominador comum que embora disfarçado e mal explícito, orienta mais ou menos inconscientemente aquela especulação? Acredito que sim, e a sua determinação constitui tarefa necessária e preliminar da indagação filosófica; e, certamente, mesmo que não chegue logo a uma precisão rigorosa (se é que ela é possível), será por certo de resultados altamente fecundos.”

Fonte: PRADO JUNIOR, Caio. O que é filosofia. São Paulo: Brasiliense, 1981. v. 37. p. 5-8. In: ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofar com textos: temas e história da Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2012 (adaptado). (Coleção Vereda Digital)

### Elementos para o pensar do filósofo

No texto selecionado, o professor e filósofo Dermeval Saviani elenca quais são, no seu entender, as três condições da reflexão filosófica. Ela deve ser radical, rigorosa e de conjunto. A explicação do sentido de cada uma dessas exigências conduz à ideia de “problema filosófico”. O autor procura justificar o uso desse termo bastante difundido: assim como os problemas científicos são aqueles abordados pelos cientistas, os problemas filosóficos são aqueles que mereceram a preocupação dos filósofos.

#### As exigências da reflexão filosófica

“Com efeito, se a filosofia é realmente uma reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta, entretanto, ela não é qualquer tipo de reflexão. Para que uma reflexão possa ser adjetivada de filosófica, é preciso que se satisfaça uma série de exigências que vou resumir em apenas três requisitos: a radicalidade, o rigor e a globalidade. Quero dizer, em suma, que a reflexão filosófica, para ser tal, deve ser radical, rigorosa e de conjunto.

**Radical:** Em primeiro lugar, exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida a palavra radical no seu sentido mais próprio e imediato. Quer dizer, é preciso que se vá até as raízes da questão, até seus fundamentos. Em outras palavras, exige-se que se opere uma reflexão em profundidade.

**Rigorosa:** Em segundo lugar é como que para garantir a primeira exigência, deve-se proceder com rigor, ou seja, sistematicamente, segundo métodos determinados, colocando-se em questão as conclusões da sabedoria popular e as generalizações apressadas que a ciência pode ensinar.

**De conjunto:** Em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de modo parcial, mas numa perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está

inserido. É neste ponto que a filosofia se distingue da ciência de um modo mais marcante. Com efeito, ao contrário da ciência, a filosofia não tem objeto determinado, ela dirige-se a qualquer aspecto da realidade, desde que seja problemático; seu campo de ação é o problema, esteja onde estiver. Melhor dizendo, seu campo de ação é o problema enquanto não se sabe ainda onde ele está; por isso se diz que a filosofia é busca. E é nesse sentido também que se pode dizer que a filosofia abre caminho para a ciência; através da reflexão, ela localiza o problema tornando possível sua delimitação na área de tal ou qual ciência que pode então analisá-lo e, quiçá, solucioná-lo. Além disso, enquanto a ciência isola o seu aspecto de contexto e o analisa separadamente, a filosofia, embora dirigindo-se às vezes apenas a uma parcela da realidade, insere-a no contexto e a examina em função do conjunto.

A exposição sumária e isolada de cada um dos itens acima descritos não nos deve iludir. Não se trata de categorias autossuficientes que se justapõem num somatório suscetível de caracterizar, pelo efeito mágico de sua junção, a reflexão filosófica. A profundidade (radicalidade) é essencial à atitude filosófica do mesmo modo que a visão de conjunto. Ambas se relacionam dialeticamente por virtude da íntima conexão que mantém com o mesmo movimento metodológico, cujo rigor (criticidade) garante ao mesmo tempo a radicalidade, a universalidade e a unidade da reflexão filosófica. [...] é necessária uma observação sobre a expressão bastante difundida, 'problema filosófico'. Cabe perguntar: 'existem problemas que não são filosóficos?' Na verdade, um problema, em si, não é filosófico, nem científico, artístico ou religioso. A atitude que o homem toma perante os problemas é que é filosófica, científica, artística ou religiosa ou de mero bom senso. A expressão que estamos analisando é resultante, pois, do uso corrente da palavra problema [...] que a dá como sinônimo de questão, tema, assunto. Aqueles assuntos, que são objeto de estudo dos cientistas, por exemplo, são denominados 'problemas científicos'. Daí as derivações 'problemas sociológicos', 'problemas psicológicos', 'problemas químicos', etc. Mas como aceitar essa interpretação no caso da filosofia que, como foi dito antes, não tem objeto determinado? Como aceitá-la, se qualquer assunto pode ser objeto de reflexão filosófica? O uso comum e corrente tem se pautado, então, pelo seguinte paralelismo: assim como 'problemas científicos' são aquelas questões de que se ocupam os cientistas, 'problemas filosóficos' não são outra coisa senão aquelas questões de que se têm ocupado os filósofos. Não se deve esquecer, porém, que não é porque os filósofos se ocuparam com tais assuntos que eles são problemas; mas, ao contrário: é porque eles são (ou foram) problemas que os filósofos se ocuparam e se preocuparam com eles. Resta, então, a seguinte alternativa: a expressão 'problemas filosóficos' é uma manifestação corrente da linguagem e, como fenômeno, ao mesmo tempo revela e oculta a essência do filosofar. Oculta, na medida em que compartimentalizando também a atitude filosófica (bem a gosto do modo formalista de pensar) a reduz a uns tantos assuntos já de antemão catalogáveis, empobrecendo um trabalho que deveria ser essencialmente criador. Revela, enquanto pode chamar a atenção para alguns problemas que se revestem de tamanha magnitude, em face das condições concretas em que o homem produz a sua existência, que exigem, em caráter prioritário, uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto. Tratar-se-ia, por conseguinte, de problema que põe em tela, de imediato e de modo incontestável, a necessidade da filosofia. Estaria justificado, nessas circunstâncias, o uso da expressão 'problema filosófico'.

Fonte: SAVIANI, Dermeval. Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 29-33. In: ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofar com textos: temas e história da Filosofia. São Paulo: Ed. Moderna, 2012 (adaptado). (Coleção Vereda Digital)

### A filosofia como procura da verdade

Em seu pequeno e brilhante livro *Introdução à filosofia*, Jaspers insiste na ideia de que a essência da filosofia é a procura do saber e não a sua posse. Todavia, ela "se trai a si mesma quando degenera em dogmatismo, isto é, num saber posto em fórmula, definitivo, completo. Fazer filosofia é estar a caminho; as perguntas em filosofia são mais essenciais que as respostas, e cada resposta transforma-se numa nova pergunta". Há, então, na pesquisa filosófica uma humildade autêntica que se opõe ao orgulhoso dogmatismo do fanático: o fanático está certo de possuir a verdade. Assim sendo, ele não tem mais necessidade de pesquisar e sucumbe à tentação de impor sua verdade a outrem. Acreditando estar com a verdade, ele não tem mais o cuidado de se tornar verdadeiro; a verdade é seu bem, sua propriedade, enquanto para o filósofo é uma exigência. No caso do fanático, a busca da verdade degradou-se na ilusão da posse da certeza. Ele se acredita o proprietário da certeza, ao passo que o filósofo esforça-se por ser peregrino da verdade. A humildade filosófica consiste em dizer que a verdade não pertence mais a

mim que a ti, mas que ela está diante de nós. Assim, a consciência filosófica não é uma consciência feliz, satisfeita com a posse de um saber absoluto, nem uma consciência infeliz, presa das torturas de um ceticismo irremediável. Ela é uma consciência inquieta, insatisfeita com o que possui, mas à procura de uma verdade para a qual se sente talhada.

Fonte: HUISMAN, Denis, VERGEZ, A. A ação. 2. ed. São Paulo: Freitas Bastos, 1996 (adaptado).

### A maldição da Metafísica

A ciência rejeita explicações mirabolantes. Gostaria de acreditar nessa frase, mas, infelizmente, tanto o mundo como a epistemologia são um pouco mais complicados do que desejaríamos.

Como ensina o filósofo da ciência Alex Rosenberg, não é tão fácil separar a ciência da filosofia, na qual estão necessariamente incluídas questões que não são passíveis de testes empíricos. Sempre que uma disciplina se torna científica, emancipando-se da filosofia —como foi o caso da física com Isaac Newton no século XVII—, ainda deixa em aberto uma série de questões de cunho mais metafísico.

Um bom exemplo de quão inescrutavelmente metafísica pode ser a ciência está numa de suas teorias de maior sucesso: a gravitação universal, proposta pelo próprio Newton. O físico inglês não deu ao conceito de gravidade um tratamento filosófico detalhado. E nem poderia. Não são poucos, afinal, os problemas suscitados por uma força invisível que age instantaneamente sobre objetos que podem estar a bilhões de quilômetros de distância um do outro. Numa análise fria, essa é uma ideia que não fica nada a dever para as mais bizarras teorias "new age" de telecinesia.

É só com Einstein que o mistério ontológico em torno da gravidade começa a se dissipar —e ainda assim só um tiquinho. Ela deixa de ser pensada como uma força de atração e passa a ser vista como uma curvatura no espaço-tempo. Imagine uma bola de boliche no meio de um colchão. Ela o afunda, criando uma deformação. Se você soltar uma bolinha de gude nas proximidades da de boliche, a pequena vai rolar em direção à grande. A gravidade são essas distorções no contínuo do espaço-tempo.

O problema é que, de novo, você pode se perguntar pelo significado mais profundo desse "contínuo de espaço-tempo". A moral da história é que, por mais que tentemos, não conseguimos nos livrar da filosofia com tudo de metafísico que ela tem.

Fonte: Hélio Schwartzman. Amaldição da metafísica. Folha de S.Paulo, São Paulo, 01 jan. 2017. Opinião. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartzman/2017/01/1845994-a-maldicao-da-metafisica.shtml>> Acesso em: 07 jan. 2018 – texto adaptado.

### Atividade

Leia o texto.

"Quando a Babilônia e o Egito declinaram chegou a vez da Grécia. No começo, desenvolveu-se a cosmologia grega quase no mesmo sentido; o mundo de Homero é outra ostra, mais colorida, um disco flutuante rodeado pelo Oceano. Porém, pela época em que os textos da *Odisseia* e da *Ilíada* se consolidaram na versão definitiva, verificou-se na Jônia, nas costas do mar Egeu, um novo desenvolvimento. O sexto século antes de Cristo — o milagroso século de Buda, Confúcio e Lao-Tsé, dos filósofos jônicos e de Pitágoras — constitui o ponto crítico da espécie humana. Foi como se uma aragem de março soprasse através deste planeta, da China a Samos, despertando a consciência do homem, como o sopro nas narinas de Adão. Na escola jônica de filosofia, o pensamento racional ia emergindo do mundo de sonho mitológico. Era o início da grande aventura: a *indagação Prometiana*<sup>1</sup> das explicações naturais e causas racionais, que, nos dois mil anos seguintes, transformaria a espécie mais radicalmente do que haviam feito os duzentos mil anos anteriores.

Fonte: KOESTLER, Arthur. Os sonâmbulos. São Paulo: Ibrasa, 1961 (fragmento). In: CORDI, Cassiano. et al. Para filosofar. – Ed. reform. - São Paulo: Scipione, 2007. p. 27.

01. O que há de comum na atitude de Prometeu e na dos primeiros filósofos, que iniciaram "a grande aventura" ("a indagação Prometiana")?
02. Quais os motivos da profunda irritação de Zeus, que puniu tão violentamente aquele que roubou o fogo?
03. Em nosso mundo, o que pode nos impedir de exercer a crítica?

<sup>1</sup> *Prometiano*: próprio de Prometeu. Prometeu (personagem da mitologia grega) foi o "herói" que roubou o fogo aos deuses e o entregou aos homens, dando-lhes a possibilidade da crítica. Zeus o puniu, acorrentando-o numa rocha para que uma água lhe devorasse o fígado eternamente.